

Trabalhando as transições no acolhimento familiar de crianças: Um relato de experiência

Working on transitions in child foster care: An experience report

Trabajando las transiciones en acogimiento familiar de niños: Un relato de experiencia

Travailler les transitions en famille accueillant d'enfants: Un rapport d'expérience

 10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e15084

Jefferson Nunes da Silva  

Psicólogo pela Universidade Paranaense com pós graduação lato sensu em Psicologia Clínica. Psicólogo em Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora.

Bruna Palhano Silva 

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Beatriz Breve Trautwein  

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2023). Atualmente é Psicóloga da Unidade Externa Santa Casa.

Luiza Benévolo Filipak 

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Luciana Cassarino-Perez  

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (2008), Mestra (2013) e Doutora (2018) em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora colaboradora do LIBERI, grupo de pesquisa em infância, juventude e comunidade da Universidade de Girona, na Espanha.

Resumo

O acolhimento familiar é uma medida protetiva prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente que visa garantir proteção a crianças e adolescentes afastados do convívio com suas famílias de origem. Este artigo apresenta um relato de experiência de uma intervenção psicossocial realizada no contexto do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA), localizado na Região Sul do Brasil. A intervenção teve como objetivos: (1) promover o resgate e a valorização da história de vida das crianças acolhidas, como eixo estruturante de suas identidades; (2) ampliar a comunicação e o entendimento mútuo entre os adultos envolvidos em suas trajetórias; e (3) favorecer o fortalecimento dos vínculos com a família de origem ou a elaboração emocional do desligamento da família acolhedora. A metodologia baseou-se na construção de um “álbum de vida” com cada criança, inspirada no programa “Fazendo Minha História”, com o intuito de registrar vivências anteriores e posteriores à medida de acolhimento. A intervenção se desenvolveu em dois momentos distintos, compondo um único processo contínuo de trabalho psicossocial: o primeiro momento envolveu a participação de uma família de origem (mãe, pai e três filhos), enquanto o segundo incluiu uma criança acolhida e sua família acolhedora. Em ambos, a intervenção teve duração de quatro meses, com encontros semanais. Os resultados demonstraram que a construção dos álbuns de vida e a realização dos encontros favoreceram o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os participantes, a melhora na expressão de sentimentos e pensamentos relacionados à vivência do acolhimento, bem como a criação de registros simbólicos significativos. Conclui-se, a partir desta experiência, que o trabalho com histórias de vida no contexto do acolhimento familiar contribui para os processos de reintegração familiar e para o manejo das transições implicadas nesta medida protetiva. Destaca-se, ainda, o papel fundamental da escuta qualificada no atendimento técnico a crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: *acolhimento familiar; história de vida; criança; intervenção psicossocial; vínculos afetivos.*

Abstract

Family foster care is a protective measure provided for in the Child and Adolescent Statute aimed at ensuring protection for children and adolescents removed from their original families. This article presents an experiential report of a psychosocial intervention carried out within the context of a Family Foster Care Service (SFA), located in southern Brazil. The intervention had the following objectives: (1) to promote the recovery and appreciation of the life stories of the children in care, as a fundamental axis of their identities; (2) to enhance communication and mutual understanding among the adults involved in their trajectories; and (3) to support the strengthening of bonds with their original family or the emotional processing of separation from the foster family. The adopted methodology was based on creating a "life album" with each child, inspired by the program "Making My History," with the purpose of recording experiences before and after the placement. The intervention was carried out in two distinct phases, forming a continuous psychosocial work process: the first involved the participation of an original family (mother, father, and three children), while the second included a fostered child and their foster family. In both phases, the intervention lasted four months, with weekly meetings. The results indicated that constructing the life albums and conducting the meetings helped strengthen emotional bonds among participants, improved the expression of feelings and thoughts related to the foster care experience, and created meaningful symbolic records. From this experience, it can be concluded that working with life stories within the context of family foster care contributes to processes of family reintegration and managing the transitions involved in this protective measure. Additionally, the essential role of qualified listening in providing technical support to children and families facing social vulnerability is highlighted.

Keywords: family foster care, life story, child, psychosocial intervention, emotional bonds.

Resumen

El acogimiento familiar es una medida protectora prevista en el Estatuto de la Niñez y la Adolescencia que busca garantizar la protección de niños y adolescentes alejados de la convivencia con sus familias de origen. Este artículo presenta un relato de experiencia de una intervención psicosocial realizada en el contexto de un Servicio de Acogimiento en Familia Acogedora (SFA), ubicado en el sur de Brasil. La intervención tuvo como objetivos: (1) promover la recuperación y la valoración de la historia de vida de los niños acogidos, como eje estructurante de sus identidades; (2) ampliar la comunicación y el entendimiento mutuo entre los adultos involucrados en sus trayectorias; y (3) favorecer el fortalecimiento de los vínculos con la familia de origen o la elaboración emocional del desligamiento de la familia acogedora. La metodología adoptada se basó en la construcción de un "álbum de vida" con cada niño, inspirada en el programa "Haciendo Mi Historia", con la finalidad de registrar vivencias anteriores y posteriores a la medida de acogimiento. La intervención se desarrolló en dos momentos distintos, formando un único proceso continuo de trabajo psicosocial: el primer momento involucró la participación de una familia de origen (madre, padre y tres hijos), mientras que el segundo incluyó a un niño acogido y su familia acogedora. En ambos momentos, la intervención tuvo una duración de cuatro meses, con encuentros semanales. Los resultados indicaron que la construcción de los álbumes de vida y la realización de los encuentros favorecieron el fortalecimiento de los vínculos afectivos entre los participantes, la mejora en la expresión de sentimientos y pensamientos relacionados con la vivencia del acogimiento, así como la creación de registros simbólicos significativos. Se concluye, a partir de esta experiencia, que el trabajo con historias de vida en el contexto del acogimiento familiar contribuye a los procesos de reintegración familiar y al manejo de las transiciones implicadas en esta medida protectora. Además, se destaca el papel fundamental de una escucha calificada en la atención técnica a niños y familias en situación de vulnerabilidad social.

Palabras clave: acogimiento familiar, historia de vida, niño, intervención psicosocial, vínculos afectivos.

Résumé

L'accueil familial est une mesure de protection prévue dans le Statut de l'Enfant et de l'Adolescent visant à garantir la protection des enfants et des adolescents éloignés de leur famille d'origine. Cet article présente un récit d'expérience d'une intervention psychosociale réalisée dans le cadre d'un Service d'Accueil en Famille d'Accueil (FA), situé dans le sud du Brésil. L'intervention avait pour objectifs : (1) de promouvoir la récupération et la valorisation de l'histoire de vie des enfants accueillis, en tant qu'axe structurant de leur identité ; (2) d'élargir la communication et la compréhension mutuelle entre les adultes impliqués dans leur parcours ; et (3) de favoriser le renforcement des liens avec la famille d'origine ou l'élaboration émotionnelle de la séparation de la famille d'accueil. La méthodologie adoptée s'est basée sur la construction d'un « album de vie » avec chaque enfant, inspiré du programme « Faire Mon Histoire », dans le but d'enregistrer les expériences antérieures et postérieures à la mesure d'accueil. L'intervention s'est déroulée en deux moments distincts, constituant un seul processus continu de travail psychosocial : le premier a impliqué la participation d'une famille d'origine (mère, père et trois enfants), tandis que le second a inclus un enfant accueilli et sa famille d'accueil. Dans les deux cas, l'intervention a duré quatre mois, avec des rencontres hebdomadaires. Les résultats ont montré que la construction des albums de vie et la tenue des rencontres ont favorisé le renforcement des liens affectifs entre les participants, l'amélioration de l'expression des sentiments et des

pensées liés à l'expérience de l'accueil, ainsi que la création de registres symboliques significatifs. Il ressort de cette expérience que le travail avec les histoires de vie dans le contexte de l'accueil familial contribue aux processus de réintégration familiale et à la gestion des transitions impliquées dans cette mesure de protection. Il est également souligné le rôle fondamental d'une écoute qualifiée dans l'accompagnement technique des enfants et des familles en situation de vulnérabilité sociale.

Mots-clés: *accueil familial, histoire de vie, enfant, intervention psychosociale, liens affectifs.*

Desde o período colonial, o Brasil incorporou o modelo institucional de alguns países europeus para conseguir lidar com a desproteção de crianças e adolescentes, causada por situações de abandono ou orfandade, advindas, principalmente, de infrações morais e desigualdade social. Tais instituições acolhiam esses jovens em grandes grupos e eram responsáveis por atender suas necessidades, no entanto, cerceavam o convívio social-comunitário e familiar. Ressalte-se que, até o final do século XX, crianças e adolescentes não eram vistos como sujeitos detentores de direitos, reconhecimento que somente foi alcançado com a Constituição de 1988 e com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990 (Rizzini & Rizzini, 2004; Pinheiro et al., 2021).

A partir da promulgação do ECA, medidas de proteção para situações de grave ameaça ou violação dos direitos de crianças e adolescentes passaram a ser previstas, entre elas, destaca-se o acolhimento. As medidas de acolhimento são aplicadas apenas quando todas as demais alternativas para proteger a criança ou o adolescente tiverem sido esgotadas e houver a necessidade de afastamento do convívio familiar.

No Brasil, há, atualmente, duas modalidades de acolhimento: o institucional e o familiar, com este último prevalecendo em relação ao primeiro (Lei nº 8.069, 1990). Ambas são medidas excepcionais e provisórias, com vistas à reintegração familiar. Os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009) detalham essas modalidades, especificando três tipos de serviços: (1) Abrigo Institucional, (2) Casa-lar — ambos classificados como acolhimento institucional — e (3) Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA). Nesse último, crianças e adolescentes são acolhidos por famílias previamente selecionadas, capacitadas e acompanhadas por uma equipe técnica, que oferece cuidado individualizado em um ambiente familiar, garantindo atenção integral até que seja possível o retorno ao convívio com a família de origem.

É importante mencionar que o acolhimento familiar tem recebido crescente reconhecimento nos campos científico e das políticas públicas, por se tratar de uma modalidade que promove melhores condições para a garantia de direitos e do melhor interesse da criança e do adolescente, bem como para seu desenvolvimento integral. Esse entendimento está consolidado nas Diretrizes da ONU para Cuidados Alternativos de Crianças (Organização das Nações Unidas [ONU], 2010), reforçado pelo movimento internacional *Moving Forward* (Cantwell et al., 2013) e sustentado por uma vasta produção científica que destaca os impactos positivos dessa modalidade na saúde mental, nos vínculos afetivos, na estabilidade emocional e no desempenho escolar (Davidson et al., 2017; Humphreys et al., 2022; Chartier & Blavier, 2021). No entanto, no Brasil, o acolhimento familiar ainda representa menos de 6% dos acolhimentos (Pinheiro et al., 2021) e ainda persistem muitos desafios, os quais são enfrentados pelos gestores e pelas equipes técnicas para sua efetivação qualificada (Cassarino-Perez & dos Anjos, 2023).

As Orientações Técnicas e o Guia de Acolhimento Familiar (Pinheiro et al., 2021) apontam que as equipes técnicas dos SFA devem acompanhar, de forma sistemática e articulada, a criança ou o adolescente, a família acolhedora e a família de origem, desde o início do acolhimento. Ainda assim, alguns estudos apresentam lacunas recorrentes na efetivação dessas ações, seja pela sobrecarga de trabalho, seja pela fragmentação da rede ou pela carência de métodos de intervenção bem definidos (Cronemberger & Teixeira, 2018; Nascimento & Soares, 2019). Especialmente no caso das famílias de origem, o acompanhamento costuma ser restrito a contatos esporádicos e pouco aprofundados, o que compromete a construção de vínculos de confiança com a equipe, a elaboração das rupturas e a preparação para a reintegração familiar. Paralelamente, há uma escassez de práticas e metodologias sistematizadas que auxiliem os profissionais na mediação dessas transições e na escuta qualificada das crianças, adolescentes e famílias envolvidas (Cassarino-Perez & dos Anjos, 2023).

Nesse contexto, o trabalho com a história de vida ganha centralidade. Segundo Palacios e Jiménez (2009), o resgate da trajetória individual da criança em acolhimento é uma condição essencial para a construção de sua identidade, para o fortalecimento de seus vínculos afetivos e para a elaboração simbólica das rupturas vividas. Como defendem os autores do *Guía para trabajar con historias de vida de niños y niñas en acogimiento* (Jiménez et al., 2012), não se pode cuidar bem de uma criança sem conhecer sua história — e, sobretudo, sem envolvê-la na construção e na significação dessa história. O uso de ferramentas como álbuns, registros escritos, objetos afetivos e narrativas biográficas permite dar sentido às experiências de acolhimento, reduzir os efeitos de descontinuidade emocional e favorecer transições mais compreensíveis e humanizadas. Trata-se, portanto, não apenas de uma técnica de escuta, mas também de uma intervenção ética, política e relacional, que reconhece crianças e adolescentes como sujeitos ativos em seus processos de cuidado.

Além disso, as intervenções baseadas na construção compartilhada da história de vida demonstram alto potencial para criar pontes entre os diferentes adultos envolvidos — família de origem, família acolhedora e equipe técnica —, favorecendo a comunicação, a corresponsabilidade e a reconstrução de vínculos frágeis ou interrompidos (Delgado et al., 2020; Instituto Fazendo História, 2016a). Um exemplo disso é o programa espanhol *Las Visitas* (Muñoz et al., 2020), que utiliza o “livro de visitas” como recurso para qualificar os encontros entre crianças acolhidas e suas famílias de origem. No Brasil, a experiência do programa “Fazendo Minha História” vem sendo reconhecida como uma prática potente de escuta, de valorização da trajetória e de reconstrução da memória afetiva de crianças acolhidas, por meio da elaboração de álbuns de vida (Instituto Fazendo História, 2016a).

Com base nesse referencial, este artigo apresenta uma intervenção psicossocial realizada com cinco crianças acolhidas em um serviço de acolhimento familiar e duas famílias (uma de origem e outra acolhedora). A experiência, ancorada na construção compartilhada de registros de história de vida, buscou responder a duas lacunas práticas identificadas naquele serviço de acolhimento: (1) a dificuldade das equipes técnicas em promover intervenções significativas com as famílias de origem durante o período do acolhimento; e (2) a ausência de estratégias concretas para preparar transições e desligamentos, tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista emocional. A intervenção teve como objetivos: (a) promover o reconhecimento e a valorização da história de vida da criança como eixo estruturante de sua identidade; (b) ampliar a comunicação e o entendimento mútuo entre os adultos envolvidos em sua trajetória; e (c) contribuir, conforme o caso, para o fortalecimento dos vínculos com a família de origem ou para a elaboração emocional do desligamento da família acolhedora.

Método

A intervenção psicossocial apresentada neste artigo ocorreu no contexto de um estágio curricular supervisionado em Psicologia Comunitária, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de graduação em Psicologia. As atividades práticas foram realizadas em um Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora, situado em uma metrópole da Região Sul do Brasil, e conduzidas por três estagiárias, que, por sua vez, recebiam supervisão semanal na universidade em que a professora responsável pela disciplina de estágio leciona e no Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA) de um psicólogo da equipe técnica.

O estágio teve dois momentos distintos. O primeiro, ocorrido entre março e junho de 2023, consistiu na análise e na identificação das necessidades do público atendido e da equipe técnica do serviço. A partir dessas informações, no período de julho a novembro de 2023, foi elaborada e implementada uma proposta de intervenção, conduzida tanto no ambiente institucional quanto na residência de uma das famílias participantes.

Etapa 1 – Análise de necessidades

De acordo com Freitas (1998), no processo de inserção e familiarização com o contexto de atuação do psicólogo comunitário, esse profissional aprende fenômenos e temáticas potenciais e compreende as possibilidades para o trabalho de intervenção. Nesse sentido, o processo de análise de necessidades procurou incluir os diferentes atores presentes nessa “comunidade”: famílias, crianças, membros da equipe técnica e gestores. Conforme orienta Sarriera (2014), a análise esteve centrada em três aspectos: nas necessidades sentidas, percebidas e inferidas; nos problemas mais proeminentes e na forma como a comunidade se propõe a resolvê-los; e no levantamento dos recursos que a própria comunidade possui.

Para coletar esses dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois psicólogos, dois assistentes sociais e uma coordenadora da equipe técnica do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA). Um diário de campo foi produzido por cada estagiária no acompanhamento do cotidiano de trabalho da equipe técnica, nas diferentes atividades exercidas por seus membros, entre elas: visitas domiciliares às famílias acolhedoras e às famílias de origem; formação continuada das famílias acolhedoras; participação em audiências; participação em reuniões de equipe e com diferentes atores da rede socioassistencial, entre outras. Do levantamento de necessidades, também fizeram parte diversas conversas informais com as famílias acolhedoras, com as famílias de origem e com as crianças durante as visitas domiciliares e, em especial, quando as famílias de origem iam até a sede do serviço para visitar os acolhidos.

Muitas temáticas para intervenção foram levantadas. Entre elas, podem ser citadas: a dificuldade em captar famílias acolhedoras; a necessidade de aprofundar o acompanhamento das visitas das famílias de origem aos acolhidos; a necessidade de trabalhar o resgate e o registro das histórias de vida dos acolhidos; a falta de procedimentos técnicos para trabalhar as transições (chegadas e partidas) comuns nos acolhimentos. Como foco da intervenção, optou-se pelas necessidades de (1) resgatar e registrar a história de vida dos acolhidos e de (2) acompanhar as visitas das famílias de origem. A escolha desses dois temas esteve ancorada em estudos científicos que apontam para centralidade do trabalho sistemático com a história de vida de crianças e adolescentes acolhidos, bem como para a visita como recurso privilegiado para a realização desse trabalho (Amorós & Palacios, 2004; Cook-Cottone & Beck, 2007; Palacios & Jiménez, 2009; Muñoz et al., 2020).

Etapa 2 – A intervenção

Com a escolha das necessidades a serem trabalhadas, a equipe de estagiárias elaborou uma proposta de intervenção com os objetivos de (a) promover o reconhecimento e a valorização da história de vida da criança como eixo estruturante de sua identidade; (b) ampliar a comunicação e o entendimento mútuo entre os adultos envolvidos em sua trajetória; e (c) contribuir, conforme o caso, para o fortalecimento dos vínculos com a família de origem ou para a elaboração emocional do desligamento da família acolhedora.

A intervenção foi construída com base no método “Fazendo Minha História”, desenvolvido pelo Instituto Fazendo História (IFH). O método consiste na construção de um álbum de vida da criança e/ou adolescente acolhido, no qual eles registram experiências e resgatam suas histórias de vida, elaborando novas perspectivas acerca daquilo que já viveram, bem como novas possibilidades para o futuro (Instituto Fazendo História, 2016b, 2022).

A proposta inicial, intitulada “Álbum da Minha Vida”, foi estruturada em oito encontros e, em cada um deles, os participantes produziram uma página do seu álbum. Os temas das páginas foram planejados a partir da análise de necessidades e adaptados para a faixa etária de cada criança e ao contexto familiar. A duração dos encontros variou entre 30 minutos e uma hora. Antes de ser implementada, a proposta foi apresentada e discutida com a equipe técnica do SFA, que sugeriu ajustes e melhorias que foram incorporadas. A Tabela 1 detalha o planejamento de cada um dos oito encontros.

Tabela 1

Estrutura dos Encontros no Planejamento da Intervenção.

Encontro	Atividade	Objetivo	Materiais
1	Capa do Álbum	Desenvolver um vínculo com a família e engajá-los na proposta	Álbum; imagens impressas; fotos; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
2	Como eu sou	Estimular o autoconhecimento e a troca entre a família e a criança	Álbum; imagens impressas; fotos; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
3	Linha da Vida	Resgatar a história de vida da criança e da família acolhedora, antes e durante o acolhimento	Álbum; imagens impressas; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
4	O que eu mais gosto e o que eu menos gosto	Reconhecer e valorizar gostos e hábitos dos acolhidos e familiares	Álbum; caixa de papelão; imagens impressas; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
5	Minhas brincadeiras preferidas	Proporcionar momentos de brincadeiras entre a família e a criança e aumentar o repertório de brincadeiras do acolhido	Álbum; jogos diversos; cartas de baralho; quebra-cabeça; imagens impressas; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
6	Meus ídolos, meus amores, meus amigos	Possibilitar que a família acolhedora conheça quem são algumas das pessoas importantes na vida da criança e vice-versa	Álbum; fotos; imagens impressas; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
7	Sentimentos	Estimular a expressão e a nomeação de sentimentos pela criança, visando que ela se sinta confortável para falar sobre suas emoções	Álbum; imagens impressas; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)
8	Minhas expectativas e sonhos	Compreender quais são as perspectivas dessa criança em acolhimento em relação a seu futuro e com a família	Álbum; fotos; imagens impressas; materiais de papeleria (papel, canetas, lápis de cor, giz, cola, tesoura, tintas, pincéis)

Tanto as crianças quanto os adultos foram convidados a realizar seus álbuns, proporcionando, aos acolhidos, a possibilidade de conhecer mais profundamente aqueles que os acolhem, assim como suas próprias famílias. Seis famílias, tanto de origem quanto acolhedoras, foram convidadas a participar da intervenção e todas já conheciam as estagiárias da etapa de análise das necessidades. Três delas aceitaram participar, mas apenas duas deram continuidade ao trabalho com as estagiárias. Ressalta-se que a disponibilidade de tempo foi o motivo alegado pelas famílias que não quiseram participar ou não deram continuidade ao processo.

As duas famílias participantes da intervenção serão denominadas de Família Santos e Família Soares. A primeira, uma família de origem, era composta por pai, mãe e três irmãos: uma menina de quatro anos, um menino de dois anos e um bebê menino de dois meses (todos acolhidos na mesma família acolhedora). Em alguns encontros, outros integrantes dessa

família também participaram: duas tias maternas, três primos e ambas as avós. Da família Soares, uma família acolhedora, participaram apenas a acolhedora, Fernanda, e a criança acolhida, Marina, uma menina de três anos.

Durante o processo de elaboração dos álbuns com os participantes, foi possível aprofundar alguns temas que haviam sido propostos na intervenção, assim como trabalhar outros conteúdos, incluindo-os e adaptando-os dentro da proposta inicial. No total, foram realizados 15 encontros com a família Santos e 12 encontros com a família Soares, conforme as tabelas abaixo.

Tabela 2

Descrição dos Encontros da Família Santos.

Encontro	Tema	Participantes	Detalhes
1 - 3	Observação	Pais e filhos	Observação das interações familiares e vínculos familiares.
4	Capa do Álbum	Pais e filhos	Produção colaborativa da capa do álbum utilizando materiais visuais como fotografias e desenhos, personalizando o instrumento.
5	Como eu sou	Pais e filhos	Atividade musical voltada ao reconhecimento e à valorização da identidade da criança
6	Linha da Vida	Pais e filhos	Colagem e pintura de imagens representativas de eventos significativos da infância.
7	Sem atividade do álbum	Pais e Filhos (1ª visita) Família materna (2ª visita).	A atividade programada foi suspensa em decorrência de conflitos familiares.
8	Sentimentos	Pais e filhos	Uso de representações gráficas (emojis) como recursos facilitadores para o reconhecimento, expressão e categorização das emoções pelas crianças.
9	Sentimentos (Continuação)	Pais, filhos e família materna	Apresentação de material audiovisual sobre emoções e realização de atividade lúdica (caça ao tesouro com peças de quebra-cabeça), promovendo a construção conjunta da página do álbum.
10	Gosto / Não Gosto	Pai e filhos	Realização de sorteio de imagens seguido de diálogo mediado sobre preferências e aversões, culminando na construção visual da página temática
11	Atividade Externa e Desenho	Mãe, filhos e tia (1ª visita) Avó paterna e neta (2ª visita).	Desenvolvimento de desenhos e colagens em ambiente externo, posteriormente registrados por meio de fotografias inseridas no álbum.
12	Minhas Brincadeiras Preferidas	Mãe, filhos e tia materna	Relato das brincadeiras infantis favoritas, seguido de produção com massinha de modelar, favorecendo a rememoração e registro visual dessas experiências.
13	Meus Ídolos, Meus Amores, Meus Amigos	Mãe, filhos, amiga da mãe e sua filha.	Representação simbólica das figuras significativas por meio do contorno das mãos dos participantes no álbum.
14	Minha Família	Famíliares maternos, mãe e filhos	Elaboração de árvore genealógica com recursos digitais e impressos, utilizando cores distintas para representar os diferentes membros da família.
15	Encerramento	Mãe, filhos, tia e sobrinho materno.	Realização de atividade coletiva de encerramento com piquenique, revisão dos registros produzidos e reflexões acerca das experiências vivenciadas ao longo dos encontros.

Tabela 3*Descrição dos Encontros da Família Soares.*

Encontro	Tema	Participantes	Detalhes
1	Capa do Álbum	Família Acolhedora e criança acolhida	Primeira interação com as estagiárias, com foco na familiarização inicial por meio de atividades de colagem, pintura e desenho.
2	Como eu sou	Família Acolhedora e criança acolhida	Inserção de fotografias pessoais no álbum, com apoio do responsável para identificação de nome e idade.
3	Linha da Vida	Família Acolhedora e criança acolhida	Representação da trajetória pessoal por meio da colagem de imagens simbólicas da infância e de objetos significativos.
4	Sentimentos	Família Acolhedora e criança acolhida	Construção de quebra-cabeça com expressões faciais, com o intuito de favorecer a identificação e nomeação de emoções.
5	Gosto / Não Gosto	Família Acolhedora e criança acolhida	Seleção e colagem de imagens relacionadas a preferências e rejeições, acompanhadas de verbalizações espontâneas.
6	Brincadeiras Preferidas	Família Acolhedora e criança acolhida	Colagem de imagens representando atividades lúdicas favoritas e vivência dessas brincadeiras em ambiente externo.
7	Pessoas Importantes	Família Acolhedora e criança acolhida	Identificação de figuras afetivas significativas por meio da colagem e nomeação de pessoas e animais relevantes.
8	Registro fotográfico das Relações	Família Acolhedora e criança acolhida	Inclusão de fotografias de vínculos familiares e sociais, acompanhadas de nomes e relatos descritivos.
9	Futuras Relações	Família Acolhedora e criança acolhida	Antecipação de vínculos futuros por meio da pintura das bordas das páginas destinadas a futuras inserções no álbum.
10	Percepções de Fernanda para Marina	Família Acolhedora e criança acolhida	Produção textual e gráfica sobre qualidades atribuídas à criança, incluindo representação simbólica do corpo.
11	Autorretrato	Família Acolhedora e criança acolhida	Representação do corpo por meio do uso de cartolina e tintas, incluindo o contorno de mãos e pés.
12	Encerramento	Família Acolhedora e criança acolhida	Momento de confraternização, com realização de atividades lúdicas, pinturas e reflexões sobre os encontros vivenciados.

Resultados

Família Santos

A construção do álbum com os irmãos Santos aconteceu desde o momento em que eles foram acolhidos até a reintegração familiar. Os três primeiros encontros foram dedicados à observação das interações e vínculos familiares, ainda sem atividades com o álbum. A partir do quarto encontro, com a presença ativa de ambos os genitores, iniciou-se a elaboração da capa do álbum, com fotos e desenhos produzidos por cada criança, com a ajuda dos pais. Em seguida, foram realizadas atividades, tais como: uma brincadeira musical para trabalhar consciência corporal; uma montagem da linha da vida, com imagens representando diferentes fases do desenvolvimento; uma exploração de sentimentos a partir de *emojis*, vídeos e, por fim, uma caça ao tesouro com peças de quebra-cabeça.

Cerca de dois meses após o início da intervenção, os pais se separaram e as visitas passaram a ocorrer de forma alternada. Durante esse período, conflitos conjugais foram frequentes, inclusive no contexto das visitas. A estrutura da intervenção, entretanto, possibilitou que os encontros fossem mediados pela equipe e pelas estagiárias, o que pode ter minimizado os impactos desses conflitos sobre as crianças. As temáticas propostas favoreciam, portanto, o protagonismo infantil, estimulando reflexões e diálogos entre os participantes.

Nos encontros com o pai, era mais comum encontrá-lo sozinho ou acompanhado da avó paterna. Apesar de não ter mantido regularidade ao longo da intervenção, ele participou de atividades como a identificação de gostos e preferências dos filhos. Por iniciativa própria, deixou mensagens carinhosas, registradas nos álbuns de cada criança. Sua última visita incluiu brincadeiras com massinha e balões.

A partir de sua ausência definitiva, os encontros passaram a focar na vinculação com a família materna, cuja presença se intensificou gradualmente. As visitas com a mãe contaram com participação frequente da avó, das tias e dos primos,

que se engajaram em diferentes atividades: colagem de imagens, compartilhamento de memórias de brincadeiras da infância, desenho coletivo em cartolina, confecção da árvore genealógica com impressões digitais e contornos das mãos dos familiares. Essas experiências proporcionaram momentos de escuta, afeto, partilha de histórias, memórias e significados sobre passado, presente e futuro.

Ao longo dos encontros, foi possível observar o aumento da presença de pessoas da família extensa nas visitas aos acolhidos e maior engajamento destas nos cuidados com os três irmãos. Um exemplo foi a realização da árvore genealógica dos acolhidos, em que todos montaram juntos a linhagem da família e nomearam como cada uma das figuras se relacionava com as crianças, reiterando a corresponsabilização pelos cuidados e a importância da rede de apoio.

A participação assídua da mãe, das tias e da avó materna nos encontros não apenas favoreceu o fortalecimento dos vínculos com as crianças, mas também possibilitou que essas mulheres revisitassem suas próprias trajetórias e experiências de cuidado. Ao se envolverem ativamente nas atividades do álbum — como na construção da árvore genealógica, no compartilhamento de memórias de brincadeiras e nos registros afetivos —, puderam refletir sobre sua história familiar, seus sentimentos e os modos como se relacionam com as crianças. Esse processo parece ter ampliado seu repertório emocional e contribuído para a resignificação de suas práticas de cuidado. Os encontros, portanto, também criaram um espaço de escuta, de acolhida e de aprendizado mútuo entre os membros adultos da família.

O encerramento da intervenção com a família Santos foi realizado em clima de confraternização, com piquenique e retomada dos principais momentos vividos durante o processo. Por decisão judicial, as crianças foram reintegradas à família de origem e passaram a morar com a mãe, na casa da avó materna. A continuidade da participação da família extensa e o fortalecimento dos vínculos observados ao longo dos encontros sugerem que o trabalho desenvolvido contribuiu para criar um contexto mais acolhedor e corresponsável.

Família Soares

No caso da Família Soares, as atividades ocorreram entre a acolhida, Marina, e sua acolhedora, Fernanda, pois, no período de implementação do projeto, o processo de destituição do poder familiar já estava em curso e a criança não mantinha mais contato com sua família de origem. Cada uma optou por desenvolver seu próprio álbum. Fernanda havia recebido Marina em sua casa quando ela tinha apenas três meses de vida. No início da intervenção, ambas conviviam há três anos e se preparavam para a separação, diante da possibilidade cada vez mais concreta de adoção.

A construção do álbum permitiu que ambas registrassem os três primeiros anos de história de Marina, criando recordações afetivas que pudessem ser levadas adiante. Ao longo dos encontros, temas como identidade, sentimentos, preferências, brincadeiras e pessoas importantes foram abordados por meio de colagens, desenhos, conversas e jogos simbólicos. As atividades envolviam, por exemplo, a colagem de imagens escolhidas por Marina, contornos corporais, desenhos das mãos e a organização de páginas em branco para futuras relações, o que favoreceu o diálogo entre as duas e a construção compartilhada de significados sobre a trajetória da criança.

Durante a realização do álbum, foi possível observar que a acolhedora também expressava, direta ou indiretamente, seus sentimentos e preocupações em relação ao desligamento. A proximidade da despedida surgiu em temas como expectativas e sonhos para o futuro. Mesmo quando não os verbalizava durante as atividades, Fernanda frequentemente procurava o psicólogo da equipe ao final dos encontros, recebendo apoio para lidar com esse processo. Ao externalizar o que sentia, visualizava sua vida antes e depois do desligamento, reconhecendo o valor da experiência vivida com Marina e a necessidade de planejar sua própria transição.

Além de favorecer o fortalecimento do vínculo entre Fernanda e Marina, os encontros também buscaram ampliar o reconhecimento e o compartilhamento de histórias, sentimentos e expectativas. Apesar da pouca idade, Marina foi gradualmente comunicada sobre a possibilidade de adoção, especialmente nos encontros finais, quando o tema “meus ídolos, meus amores, meus amigos” provocou reflexões sobre pessoas queridas e vínculos que ainda viriam. Algumas páginas do álbum foram intencionalmente deixadas em branco, sinalizando a continuidade de sua história com a futura família adotiva.

O último encontro foi marcado por uma atmosfera de acolhimento e encerramento simbólico. Fernanda e Marina levaram brinquedos, compartilharam lanches e retomaram, juntas, as atividades realizadas ao longo da intervenção. Ao final, Marina desenhou a mão da acolhedora no álbum, encerrando esse ciclo de forma afetiva, lúdica e significativa para ambas.

Discussão

Esta intervenção psicossocial teve como objetivos: (a) promover o reconhecimento e a valorização da história de vida da criança como eixo estruturante de sua identidade; (b) ampliar a comunicação e o entendimento mútuo entre os adultos envolvidos em sua trajetória; e (c) contribuir, conforme o caso, para o fortalecimento dos vínculos com a família de origem ou para a elaboração emocional do desligamento com a família acolhedora. Esses objetivos orientaram a proposta

metodológica desenvolvida ao longo dos encontros e sua análise permite identificar aproximações entre o que se pretendia e os efeitos percebidos pelas autoras durante a experiência.

Em relação ao primeiro objetivo, a construção dos álbuns parece ter favorecido momentos de expressão de sentimentos, memórias e vínculos significativos — tanto anteriores quanto posteriores ao acolhimento —, criando oportunidades para que as crianças elaborassem suas experiências de forma mais estruturada. A partir das observações feitas, é possível supor que atividades como “linha da vida”, “meus amores” e “como eu sou” contribuíram para fortalecer um senso de continuidade e de identidade, especialmente quando realizadas com a participação de familiares. No caso de Marina, o álbum possibilitou o registro de vivências com a acolhedora, ao mesmo tempo em que abria espaço simbólico para a etapa seguinte, com páginas deixadas em branco, como sinal de uma história ainda em curso. A literatura corrobora a importância dessas práticas. Palacios e Jiménez (2009) apontam que o resgate da trajetória individual da criança é uma condição essencial para a construção de sua identidade e para a elaboração simbólica das rupturas vividas.

A ausência desse tipo de trabalho pode ter consequências importantes. Crianças e adolescentes que não compreendem sua trajetória podem sentir-se fragmentados e desorientados, com dificuldades em estabelecer um senso de pertencimento e em construir uma identidade positiva (Amorós & Palacios, 2004; Cook-Cottone & Beck, 2007). Esse impacto tende a se intensificar em contextos marcados por descontinuidades e múltiplas rupturas, como ocorre em situações de trocas frequentes de famílias acolhedoras ou de institucionalização sucessiva (Gil & Molero, 2010). Assim, a proposta do álbum de vida se insere como uma estratégia que pode auxiliar na significação das experiências e na valorização das histórias das crianças, como também preveem as orientações técnicas (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009), ao sugerirem a construção de registros pessoais como parte do processo de acolhimento e desligamento.

No que diz respeito ao segundo objetivo — ampliar a comunicação e o entendimento mútuo entre os adultos envolvidos —, os registros feitos pelas autoras sugerem mudanças graduais na dinâmica relacional entre os familiares e a equipe técnica, principalmente no caso da família Santos. As visitas, inicialmente marcadas por pouca interação e conflitos conjugais, tornaram-se, progressivamente, mais participativas e abertas, com maior envolvimento dos adultos nas atividades propostas. A presença de avós, tias e outros familiares parece contribuiu para o fortalecimento da rede de apoio e para a criação de espaços de escuta e troca entre os diferentes membros da família. Ainda que não se possa afirmar que houve transformações profundas nos vínculos, os relatos indicam maior disponibilidade dos adultos para dialogar, brincar e refletir sobre os sentimentos das crianças. Cardoso (2017) destaca que o trabalho com as famílias de origem não se limita ao encaminhamento para serviços da rede, mas deve promover também novas formas de relação e contribuir para a ressignificação dos vínculos parentais.

As experiências internacionais apontam para o mesmo sentido. O programa *Las Visitas* (Muñoz et al., 2020), por exemplo, defende a mediação qualificada dos encontros familiares, como forma de favorecer vínculos e reduzir os impactos das separações. Na intervenção aqui descrita, a estrutura oferecida pelos álbuns pode ter colaborado para que os encontros fossem vividos de forma mais significativa, ampliando o repertório emocional dos adultos e permitindo que a criança fosse reconhecida em sua singularidade. A construção compartilhada de atividades, como a árvore genealógica e os relatos sobre brincadeiras da infância, criaram condições para a coautoria das histórias e para o fortalecimento de sentimentos de pertencimento, ainda que de maneira incipiente e pontual.

Por fim, o terceiro objetivo da intervenção — contribuir para o fortalecimento dos vínculos com a família de origem ou para a elaboração emocional do desligamento — também pode ser relacionado a elementos observados nas duas experiências descritas. No caso da família Santos, notou-se uma reaproximação com a mãe, com as tias e com a avó materna, bem como uma presença maior desses familiares nas visitas, o que pode ter favorecido o processo de reintegração ao final do acolhimento. Ainda que o pai tenha se afastado nos encontros finais, a decisão de deixar mensagens nos álbuns dos filhos indica a tentativa de manter um vínculo simbólico. No caso da família Soares, o processo de desligamento foi atravessado por sentimentos ambíguos e expectativas não concretizadas, especialmente por parte da acolhedora, que expressou preocupação e tristeza com a separação iminente. O álbum, nesse contexto, parece ter funcionado como uma ferramenta de elaboração, tanto para Fernanda quanto para Marina, permitindo expressar afetos, registrar momentos e simbolizar o encerramento de uma etapa.

A literatura sobre vinculação no contexto do acolhimento familiar reforça que a criação e a ruptura de vínculos afetam o desenvolvimento emocional da criança. Como destacam Sakamoto e Amorim (2020), o desligamento pode ser vivido como uma forma de luto e exige apoio da equipe técnica, para que seja, assim, menos traumático. Fernanda, por ter acolhido Marina desde os três meses de vida, desempenhava um papel fundamental em sua formação, e a separação aconteceu após um período muito superior ao previsto em lei, o que tende a intensificar os impactos emocionais envolvidos. De acordo com Bowlby (1980/1985) e Ainsworth et al. (1978), os vínculos afetivos estabelecidos nos primeiros anos de vida auxiliam na construção da identidade e nos padrões relacionais futuros da criança. Por isso, é essencial que os serviços de acolhimento ofereçam condições para a construção de vínculos seguros e, ao mesmo tempo, para o planejamento cuidadoso das transições, reconhecendo que essas duas dimensões não são excludentes, mas complementares.

Ao longo da intervenção, os registros demonstram que práticas como a construção de álbuns podem oferecer recursos simbólicos importantes tanto para crianças quanto para adultos, criando condições para a escuta, para o reconhecimento e para a elaboração emocional das experiências vividas no acolhimento. A partir de uma perspectiva qualitativa e situada, os dados sugerem que tais práticas podem favorecer o sentido de continuidade nas trajetórias das crianças, especialmente quando articuladas com estratégias de acompanhamento familiar e mediação das visitas. Como argumentam Delgado et al. (2020), as intervenções que promovem a construção de narrativas significativas, a articulação entre os atores do cuidado e a valorização das experiências infantis proporcionam, de forma decisiva, o bem-estar de crianças em contextos de alta complexidade.

Considerações finais

O afastamento provocado pela medida de acolhimento, mesmo quando necessário, pode aprofundar a vulnerabilidade familiar. Nesse contexto, é fundamental que as equipes técnicas dos serviços de acolhimento estejam próximas das famílias de origem, orientando-as e apoiando-as ao longo de todo o processo. A construção de uma relação de confiança e de cooperação entre essas partes — e, no caso dos Serviços de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA), também com a família acolhedora — é uma condição essencial para a superação das motivações do acolhimento e para a construção de novos padrões relacionais.

A experiência apresentada neste artigo buscou responder a duas lacunas práticas apontadas pelos serviços: (1) a dificuldade das equipes em promover intervenções significativas com as famílias de origem durante o acolhimento; e (2) a ausência de estratégias concretas para preparar as transições e os desligamentos, tanto do ponto de vista técnico quanto do emocional. Compreende-se, no entanto, a complexidade desse acompanhamento, marcada por sobrecarga de trabalho das equipes técnicas e da rede socioassistencial, bem como pela desvalorização desses profissionais. Por isso, torna-se urgente o desenvolvimento de métodos viáveis e sistematizados para qualificar esse trabalho, especialmente no planejamento e na mediação das transições — seja por meio da reintegração familiar, seja por meio da adoção ou da maioridade.

É importante reconhecer que este estudo apresenta limitações relevantes. Trata-se de uma experiência localizada, realizada no contexto de um estágio supervisionado que acompanhou apenas dois casos, sem a utilização de medidas padronizadas ou de instrumentos objetivos para a avaliação de impacto. Os resultados discutidos baseiam-se em registros observacionais e na percepção das autoras, o que impede generalizações. Além disso, por se tratar de uma abordagem qualitativa e descritiva, não foram realizadas comparações com outras metodologias ou contextos.

Essas limitações, contudo, abrem caminhos para investigações futuras. Estudos com delineamentos comparativos e métodos mistos — combinando registros qualitativos com escalas de bem-estar, vínculos ou impacto percebido — poderão contribuir para uma avaliação mais sistemática de intervenções baseadas em histórias de vida. Ademais, seria valioso realizar pesquisas longitudinais, com o intuito de acompanhar as crianças após o desligamento, investigando se, e como, os recursos produzidos (como os álbuns) continuam sendo utilizados e ressignificados. Outra possibilidade é explorar a perspectiva das próprias crianças sobre essas intervenções, considerando suas idades, seus contextos e suas trajetórias no sistema de acolhimento.

Dessa forma, as reflexões aqui apresentadas pretendem aprimorar as práticas nos Serviços de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA), especialmente no que diz respeito à escuta qualificada das crianças, ao fortalecimento de vínculos e ao preparo cuidadoso para as transições. Com métodos mais consolidados e baseados em evidências, será possível fortalecer o trabalho em rede e apoiar as equipes técnicas em sua missão de garantir, de forma ética e efetiva, o melhor interesse de crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

Referências

- Amorós, P., & Palacios, J. (2004). *Acogimiento familiar*. Alianza Editorial.
- Ainsworth, M., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Bowlby, J. (1985). *Apego e Perda* (Vol. 3). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980)
- Cantwell, N., Davidson, J., Elsley, S., Milligan, I., & Quinn, N. (2013). *Moving Forward: Implementing the United Nations Guidelines for the Alternative Care of Children*. Centre for Excellence for Looked After Children in Scotland (CELCIS). <https://pureportal.strath.ac.uk/en/publications/moving-forward-implementing-the-guidelines-for-the-alternative-ca>
- Cardoso, A. V. M. (2017). *Serviço de Acolhimento Institucional Infanto-Juvenil e Trabalho do Assistente Social* [Apresentação de trabalho]. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas, Universidade Federal

- do Maranhão, São Luís, MA, Brasil. <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo14/servicodeacolhimentoinstitucionalinfantojuveniletrabalhodoassistentesocial.pdf>
- Carvalho, J. M., Delgado, P., Montserrat, C., Llosada-Gistau, J., & Casas, F. (2021). Subjective well-being of children in care: Comparison between Portugal and Catalonia. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 38, 81-90.
- Cassarino-Perez, L., & dos Anjos, C. (2023). Da implantação à execução de serviços de acolhimento em família acolhedora: principais entraves enfrentados por gestores e técnicos e como superá-los. In J. Valente, L. Cassarino-Perez, & A. Pinheiro (Orgs.), *Família acolhedora: Teoria, pesquisa e prática*. Editora Juruá.
- Chartier, S., & Blavier, A. (2023). Are children in foster care in better psychological health than children in institutions? What factors influence the outcome? *Child & Family Social Work*, 28(1), 25-36. <https://doi.org/10.1111/cfs.12938>
- Cook-Cottone, C., & Beck, M. (2007). A model for life-story work: Facilitating the construction of personal narrative for foster children. *Child and Adolescent Mental Health*, 4, 193-195.
- Cronemberger, I. H. G. M., & Teixeira, S. M. (2018). Trabalho Social com Famílias nos Serviços de Acolhimento Institucional infanto-juvenil. *Revista Argum.*, 10(1), 276-292. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6545994.pdf>
- Davidson, J. C., Milligan, I., Quinn, N., Cantwell, N., & Elsley, S. (2017). Developing family-based care: complexities in implementing the UN Guidelines for the Alternative Care of Children. *European Journal of Social Work*, 20(5), 754-769. <https://doi.org/10.1080/13691457.2016.1255591>
- Delgado, P., Carvalho, J. M., Montserrat, C., & Llosada-Gistau, J. (2020). The subjective well-being of Portuguese children in foster care, residential care and children living with their families: Challenges and implications for a child care system still focused on institutionalization. *Child Indicators Research*, 13(1), 67-84.
- Freitas, M. D. F. Q. D. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(1), 175-189.
- Gil, M. D., & Molero, R. (2010). Acogimiento en familia extensa y educadora: Un análisis comparativo. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 179-188.
- Humphreys, K. L., King, L. S., Guyon-Harris, K. L., Sheridan, M. A., McLaughlin, K. A., Radulescu, A., Nelson, C. A., Fox, N. A., & Zeanah, C. H. (2022). Foster care leads to sustained cognitive gains following severe early deprivation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119(38), 1-8. <https://doi.org/10.1073/pnas.2119318119>
- Instituto Fazendo História. (2016a). *Programa fazendo minha história*. <https://www.fazendohistoria.org.br/fazendo-minha-historia>
- Instituto Fazendo História. (2016b). *Fazendo minha história: Guia de ação para trabalho em grupo*. https://static1.squarespace.com/static/56b10ce8746fb97c2d267b79/t/5cc0b55deef1a1a419f5b704/1556133240564/6_Guia_FMH_grupos_final.pdf
- Instituto Fazendo História. (2022). *Fazendo minha história: Guia de ação para colaboradores*. (4ª ed). <https://static1.squarespace.com/static/56b10ce8746fb97c2d267b79/t/62fe7a89251a0d5fbc445938/1660844690894/Guia+FMH+2022+web+%281%29.pdf>
- Jiménez, J. M., Cabeza, R. M., & Fernández, E. M. (2012). *Guía para trabajar la historia de vida con niños y niñas en acogimiento familiar*. Observatorio de la Infancia, Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. https://www.observatoriodelainfancia.es/ficherosoia/documentos/3368_d_guia_para_trabajar.pdf

- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4), 852-867. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000400007>
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Muñoz, I. M. B., González-Pasarín, L., Matínez, M. D. S., & Rebollo, M. J. F. (2020). *Las Visitas: um espacio de desarrollo familiar*. Grupo de Investigación sobre Acogimiento Familiar da la Universidad de Málaga. https://www.observatoriodelainfancia.es/ficherosoia/documentos/7303_d_Visitas-Espacio-Desarrollo-Familiar.pdf
- Nascimento, D. C., & Soares, A. C. N. (2019). O Trabalho com Famílias no Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes. *Revista Serviço Social & Realidade*, 28(2), 37-62. <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/4113>
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Orientações técnicas: Serviços de acolhimento para crianças e adolescentes* (Resolução Conjunta nº 01, de 18 de junho de 2009). Conselho Nacional de Assistência Social; Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-alcolhimento.pdf
- Palacios, J., & Jiménez, J. M. (2009). Exploring kinship foster care: Protection or risk?. *Adoption & Fostering*, 33(3), 64-75. <https://doi.org/10.1177/030857590903300308>
- Pinheiro, A., Campelo, A. A., & Valente, J. (2021). *Guia de Acolhimento Familiar*. Instituto Fazendo História.
- Rizzini, I., & Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: Percurso histórico e desafios do presente*. Editora PUC-Rio; Loyola. http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook_institucionalizacao_de_crianças_no_brasil.pdf
- Romanelli, G. (1997). Famílias de classes populares: Socialização e identidade masculina. *Cadernos de Pesquisa*, 3(1-2), 25-34.
- Sakamoto, L. C., & Amorim, M. I. (2020). *Família acolhedora: Uma análise dos sentimentos e enfrentamentos que permeiam a figura materna das famílias acolhedoras de um município do Sul de Santa Catarina* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Sul de Santa Catarina].
- Sarriera, J. C. (2014). Análise de necessidades de um grupo ou comunidade: A avaliação como processo. In J. C. Sarriera & E. T. Saforcada (Eds.), *Introdução à psicologia comunitária: Bases teóricas e metodológicas* (pp. 139-152). Sulina.
- Siqueira, A. C., Dell' Aglio, D. D. (2011). Políticas públicas de garantia do direito à convivência familiar e comunitária. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 262-271.

Como citar:

Silva, J. N., Silva, B. P., Trautwein, B. B., Filipak, L. B., & Cassarino-Perrez, L. (2025). Trabalhando as transições no acolhimento familiar de crianças: Um relato de experiência. *Revista Subjetividades*, 25(Esp.), e15084. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e15084>

Endereço para correspondência:

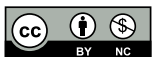
Jefferson Nunes da Silva
E-mail: nusi@hotmail.com.br

Bruna Palhano Silva
E-mail: bpalhanopsi@gmail.com

Beatriz Breve Trautwein
E-mail: biabrevetrautwein@gmail.com

Luiza Benévolo Filipak
E-mail: luizafilipak@gmail.com

Luciana Cassarino-Perez
E-mail: lucicaspe@gmail.com



Recebido em: 16/03/2024.

Aceito em: 19/10/2025.